

Universidades Lusíada

Mathias, Marcello Duarte

Homenagem ao embaixador Franco Nogueira

<http://hdl.handle.net/11067/7479>

<https://doi.org/10.34628/QQMT-1Q17>

Metadados

Data de Publicação	2023
Editor	Universidade Lusíada Editora
Palavras Chave	Nogueira, Alberto Franco, 1918-1993 - Crítica e interpretação, Diplomatas - Portugal
Tipo	article
Revisão de Pares	yes
Coleções	[ILID-CEJEIA] Polis, s. 2, n. 08 (Julho-Dezembro 2023)

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-04-19T01:06:38Z com
informação proveniente do Repositório

Homenagem ao Embaixador Franco Nogueira

Tribute to Ambassador Franco Nogueira

Marcello Duarte Mathias

Embaixador

Email: maecellodmathias@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.34628/QQMT-1Q17>

Dr.^a. Aida Franco Nogueira
Minhas Senhoras e meus Senhores

Gostaria antes de mais de felicitar, se me é permitido, os promotores desta feliz e oportuna iniciativa, pois nunca é demais celebrar quem merece sê-lo. E o embaixador Alberto Franco Nogueira, é uma dessas figuras. Pela sua personalidade, patriotismo e estatura de estadista, bem como pela sua actuação no terreno, quer nas instâncias internacionais, onde foi levado a intervir e dizer de sua justiça, quer na escrita de combate ou na de reflexão, é um caso que merece ser conhecido. E louvado.

De resto, são já hoje numerosos os estudos dedicados à obra e perfil do embaixador. Estou-me a lembrar, entre outros, do excelente ensaio biográfico da autoria de Manuel de Lucena intitulado *Os Lugares-Tenentes de Salazar*. As páginas referentes a Franco Nogueira denunciam grande finura de análise, incluindo uma certa amiga compreensão do homem que ele foi.

Não é difícil, para aqueles que conheceram Franco Nogueira, recordá-lo aqui, a despeito dos trinta anos que dele nos separam.

Por duas razões: a primeira é que ele permanece para muitos dos que com ele privaram, uma figura ainda viva. Ouvimos-lhe a voz, o tom de voz, as expressões do rosto, sentimos a sua presença, diria mesmo, a segurança e tranquilidade que dela emanava – essa espécie de inteireza moral e física que era uma das suas características mais salientes.

A este propósito, recordo-me de ter acompanhado, há já muitos anos, o escritor e jornalista francês Paul Sérant, que o foi visitar ao seu apartamento no Restelo. À saída, o francês mostrou-se impressionado pela sabedoria que

encontrara em Franco Nogueira no decorrer dessa conversa solta de cerca de uma hora. “E pensar que este homem é apontado como um extremista!”.

A segunda razão são os seus escritos. Franco Nogueira deixou-nos centenas de páginas, muitas delas de intervenção política e diplomática mas igualmente outras de ordem mais íntima, onde é fácil descortinar sentimentos, juízos, opiniões, que formavam a teia emocional e intelectual do homem que ele foi. Estão neste capítulo livros como *As Crises e os Homens*, *Juízo Final*, e, sobretudo, o seu diário, estupendo documento a mais de um título, intitulado *Um Político confessa-se*. Como todo o bom livro, fica-se com pena que a leitura não possa prosseguir por mais umas dezenas de páginas.

Neste, Franco Nogueira revela-se o escritor que ele também era. Dominando a língua portuguesa com grande propriedade, conhecedor em pormenor das palavras, sua essência e significado. Límpida e concisa é a sua escrita, sedutora na sua aparente simplicidade, porque reduzida ao essencial, embora percorrida, aqui e ali, por frémitos de emotividade.

É esta uma dimensão que não pode ser esquecida ou minimizada quando se evoca o homem de cultura que ele foi por igual.

Ler Franco Nogueira, muito em especial o *Diário*, é descobrir um observador de insuspeitas qualidades, agudeza psicológica, pendor pelo retrato por entre reflexões pessoais e a paixão pela língua portuguesa, essa outra forma de patriotismo.

A grande vantagem de escrever, mormente quando se é um político, é elucidarmo-nos sobre esta ou aquela questão, este ou aquele episódio. E isso é patente quando se estudam

os homens ilustres estrangeiros, que todos em regra deixam muita matéria escrita, sendo depois fácil encontrar o que nos possa esclarecer. De igual modo, os desafios que Portugal enfrentou nesse tempo encontram-se nos relatos e explicações que ele nos forneceu.

Dito isto, Franco Nogueira tinha, fundamentalmente, duas culturas, paralelas se assim posso dizer, pois mutuamente se iluminavam e enriqueciam, exercícios indispensáveis, na minha opinião, para se entender o mundo: a primeira, que poderá parecer insólita aplicada a um político ou a um homem de acção, é a cultura literária, a segunda a cultura histórica, ambas nos dias de hoje por muito boa gente menosprezadas ou, simplesmente, ignoradas. Ora a cultura literária - e Franco Nogueira foi, como sabemos, crítico literário durante anos, tendo-nos deixado o legado dessa sua actividade num livro de crónicas intitulado precisamente *Jornal de Crítica Literária* – é acima de tudo uma apreensão dos homens e do mundo. Na verdade, a cultura literária aumenta a perspicácia psicológica pelo que nos expõe, revela, denuncia a chamada alma humana, suas baixeiras e abismos – filtro utilíssimo quando se tem por obrigação profissional de lidar com os outros, decifrá-los, entendê-los. Quem tem cultura literária apreende melhor as motivações dos seus semelhantes. E tem sobre a vaidade dos homens uma acrescida acuidade.

E tinha cultura histórica, insubstituível instrumento de análise, pois tudo está na História, tudo dela nasce e nela se repercute. Uma mera conversa ocasional e logo vinham ao de cima exemplos e referências históricas, susceptíveis de enquadrar determinado tema ou abrir perspectivas diferentes. Basta aliás

folhear o volume dos seus *Relatórios Anuais* para nos darmos conta da diversidade das questões e temas abordados: Conferências Internacionais; tratados; pontos de situação na Ásia e em África, são objecto do seu aturado estudo e interesse.

Por outro lado, Franco Nogueira sabia – não se é impunemente diplomata – que a História é uma mistura explosiva entre a lógica das coisas, a previsibilidade das acções humanas, e as forças obscuras que atormentam e dominam aqueles que as conduzem.

Não tinha tão-pouco grandes dúvidas sobre o farisaísmo e o cinismo da vida internacional que, ao abrigo dos grandes princípios, sempre fervorosamente invocados, escondem realidades de ambição e domínio.

Nesta perspectiva, é bom ter presente que Franco Nogueira pertence a determinada família ideológica que confere primazia ao factor político-diplomático. Em obediência a esta lógica, tinha por insubstituível a legitimidade do Estado-Nação.

Entre parêntesis, pertencem a esta linhagem – brilhantemente representada no século XVII, em França, pelo Cardeal Richelieu, e no século XIX na Alemanha pelo Chanceler Bismark – pertencem a esta linhagem, dizia eu, homens como Clemenceau, De Gaulle, Mitterrand em França, Disraeli, Churchill e Margaret Thacher na Inglaterra, e no plano norte-americano, diplomatas como George Kennan e estadistas como Henry Kissinger. De que Erdogan é também um bom exemplo na Turquia de agora.

Todos eles, sem ignorar, evidentemente, a influência de demais factores, atribuem especial destaque ao desempenho da acção individual, de que uns e outros, são aliás emblemáticos.

Inteligência eminentemente didáctica, Franco Nogueira tinha o condão de tudo tornar inteligível. Assisti, por mais de uma vez, a intervenções suas, vivas e empenhadas algumas delas pela relevância dos temas em debate. Instado a responder, fazia-o sem jamais perder a calma, e sem tão-pouco conceder uma polegada de terreno. Rebatia e esclarecia, não só pelo gosto intelectual de esgrimir, que o tinha, mas sobretudo animado do propósito de convencer e convincente sabia sê-lo.

Paralelamente, possuía a característica de conciliar acção e reflexão – fazia História e escrevia sobre ela – e decerto também isso terá contribuído para a irradiação do seu nome, como se

viu pelos diversos depoimentos vindos a lume na imprensa quando do seu falecimento, bem como, mais tarde, por ocasião da elaboração do *In Memoriam* que lhe foi dedicado.

Tinha, por outro lado, atributo raro entre nós, portugueses, o dom da síntese, e, por igual, o culto da réplica, amiúde sangrenta. Inclinação de espírito que era nele também um traço de carácter.

A este propósito, recordaria aqui apenas um episódio a que assisti no Instituto de Defesa Nacional.

No decurso de uma palestra sobre questões europeias, Franco Nogueira, na qualidade de orador-convidado, emitiu certas reservas em relação à construção europeia. Chegado a fase final das perguntas, levantou-se de entre a assistência um sujeito que, à boa maneira portuguesa, não se limitou a formular uma pergunta mas proferiu outra palestra, recordando ser já antigo o ideal europeu e ali mesmo enumerou as várias propostas, datas e respectivos protagonistas, que nas últimas décadas para não dizer séculos pugnaram pela sua concretização. Mencionou em catadupa os nomes de Montesquieu, Leibniz, Spengler e Ortega y Gasset, e igualmente Victor Hugo que apelava para os “Estados Unidos da Europa”, sem esquecer Aristide Briand e os seus projectos federalistas junto com o seu colega alemão Gustav Stresemann. A intervenção pretendia-se esclarecedora mas o tom era de acinte e superioridade.

E Franco Nogueira, que estava instalado numa poltrona a meio do palco, só lhe disse, quando lhe coube responder: “Eu, se fosse a si, não evocaria nenhum desses antecedentes pois, como bem sabe, falharam todos!” E o assunto ficou logo ali arrumado.

Este episódio, e outros de igual teor se poderiam aqui acrescentar, reveladores de uma presença de espírito feita de um misto de aprumo e tranquilidade – um ficar à espera sem nunca se deixar surpreender. Esta serenidade atenta era, de resto, o que ele transmitia fisicamente, de forma quase palpável, conforme já tive oportunidade de referir.

Mais tarde, nos debates acesos nas Nações Unidas, que se repetiam ano após ano, e correspondem ao auge da sua carreira política, Franco Nogueira ficará conhecido por essa mesma causticidade bem como pelo gosto do combate solitário. Olhando de frente, a sós, contra a manada – a diplomacia entendida

e vivida como um combate sem tréguas pela afirmação de Portugal e do seu bom nome no mundo. Tudo o que ele foi, tudo o que disse e escreveu decorre desta exigência que nele nunca esmoreceu. Entender isto é entender o essencial da trajectória do homem.

Céptico quanto à natureza humana e suas motivações profundas, não era, todavia, descrente da vontade dos homens e da capacidade de realização nela implícita. Bem pelo contrário, pois confiava na razão e nas virtudes redentoras da razão, sobretudo se o interlocutor estivesse de boa fé.

As inteligências pessimistas, como as do embaixador Franco Nogueira – “de tudo quanto muda, é o homem o que muda menos”, dizia ele – inscrevem-se numa visão eminentemente clássica da verdade do homem (ver *As Crises e os Homens*) são sempre profundamente estimulantes – porque sendo gente de convicções e energia inserem-se na belíssima definição de Ruben A. “Ser homem é ter um ideal e não ter ilusões.”

Alma livre e espírito independente, Franco Nogueira encontrou no exercício da acção diplomática uma forma superior de cultura – que o é, de resto, quando bem assimilada.

Ponto curioso: Franco Nogueira teve uma carreira diplomática, em termos de postos, restrita apenas a Tóquio e Londres. Porém, o conhecimento da civilização asiática, e seus vários matizes, que a larga estadia no Japão lhe proporcionou, e de que o seu estudo *A Luta pelo Oriente* é eloquente exemplo, aliada à longa permanência em Londres e a familiaridade com o pensamento histórico e político anglo-americano, forneceram-lhe os instrumentos necessários a uma visão alargada das questões internacionais bem como à elaboração do seu próprio diagnóstico dos acontecimentos à sua volta bem como do país que representava.

Nesta perspectiva, há talvez um ponto que mereça ser sublinhado: o conhecimento do estrangeiro e a vida no estrangeiro nunca lhe toldaram a sensibilidade para as realidades nacionais, pois delas nunca se afastou. Antes pelo contrário, aguçou-lhe o sentido pátrio e conferiu-lhe uma melhor apreensão da nossa singularidade como entidade colectiva, a par de uma maior lucidez quanto às nossas vulnerabilidades. Conciliar análise e pragmatismo, tendo sempre presente a especificidade nacional. Talvez se possa dizer que o melhor da sua obra seja essa radiografia dos nossos males e carências,

de que por vezes não nos apercebemos.

Franco Nogueira tinha ainda, em pano de fundo, o sentido trágico da existência das nações. Faria certamente sua a conhecida sentença de Paul Valéry: “Nós, civilizações, sabemos hoje que somos mortais.” Vasco Graça Moura no seu diário *Circunstâncias Vividas* definiu-o com justeza como sendo: “uma referência dramática na História nacional deste século”. Assim era na verdade, e embora ciente da evolução da realidade internacional no sentido de uma maior proximidade e interdependência entre países e populações, conhecia como poucos a ferocidade – a palavra aqui não é excessiva –, inerente a essas mesmas relações, ou, melhor dito, a essa mesma correlação de forças. Realidades que retratam situações instáveis por definição, porque feitas de polos de irradiação e centros de gravidade que se ajustam e alteram em permanência – e quão aleatórias são afinal, as promessas, os compromissos, os entendimentos, tudo aquilo que em determinado momento parece estável e duradouro e que, não raro, apenas corresponde a conveniências momentâneas ou a verdades transitórias, e não à substância das coisas. A História dos povos e nomeadamente a História da Europa nestes últimos dois séculos, aí está para o comprovar.

Neste contexto, não demonstrava grande consideração – isto é um eufemismo... – pelo valor das nossas elites, que tinha por influenciáveis, desatentas, pouco ou mal informadas com uma tendência para o facilitismo e temerosas ante as injunções estrangeiras - situação que deveras o afligia, mormente para quem como ele fazia gala em remar contra a corrente.

Muito mais se poderia aqui dizer, mas quero crer que estas duas vertentes, o seu pessimismo antropológico e o amor a Portugal constituem a síntese do seu espírito, desdenhoso de modas e de mitos, respeitador de raízes e tradições.

Para o fim, nos seus últimos anos, acalentava o propósito de redigir a biografia do Marquês de Soveral, tendo para o efeito coligido vasta documentação. Infelizmente, a doença e a morte impediram-no de levar a bom porto essa ambição, que juntava aos seus olhos o gosto de efabular, a paixão pela História, vocação nunca desmentida - queria doutorar-se aqui na Lusíada em História – a par da recordação de uma grande figura, livre e desassombrada, de diplomata e de português, que foi o Marquês de Soveral.

Por entre perdas e danos, o que fica afinal da vida de um político? Sobretudo de quem, como ele, viu ruir à sua volta tudo aquilo por que se batera, tudo aquilo em que acreditava, tudo aquilo que se lhe afigurava consubstancial à sobrevivência da comunidade nacional? Terrível constatação, doloroso testemunho, por certo.

Direi que para lá da soma dos seus actos, ficamos uma fonte de inspiração, uma nobreza de alma, a fidelidade do coração a um certo número de coisas e causas, um clima moral, se quisermos. Apetece-me dizer: em essência, um espírito de resistência que se assemelha a uma forma de estoicismo. É o que fica e não é pouco. Ou, dito de outro modo: um homem de pé. Uma última palavra: ao evocar a morte de Antero, Eça disse que ele “viera a descrever de Portugal como uma descrença que lhe era angústia”. Julgo que *mutatis mutandis* se poderá dizer o mesmo de Franco Nogueira que morrerá – ou se deixará morrer... – com a crescente impressão de estar a mais, e esse sentimento de inabilidade, ou pior, de desterro em sua própria terra, é talvez a pior forma de exílio. No meu último livro, publicado há cerca de um mês, dedicado à imagem de Portugal junto dos portugueses, refiro-me em determinada altura ao embaixador Franco Nogueira em breves linhas que se me afiguram poder servir de conclusão ao nosso encontro de hoje. Passo a citar:

“Diplomata de carreira, Franco Nogueira viveu atormentado com o destino de Portugal, em particular, com as nossas reservas de energia enquanto nação para enfrentar as intempéries do mundo, o que lhe ensombrou os últimos anos de vida, a ponto de se poder quase dizer que morreu... de mágoa, tal o seu desencanto. Acresce que o exercício da diplomacia e os ensinamentos de toda a sorte nela adquiridos (a diplomacia é também uma escola de patriotismo), conferiram-lhe uma acrescida perspicácia. De referir, ainda, que escrevia um português de uma cristalina nitidez, pois profundo era também o seu conhecimento das letras nacionais.

De qualquer modo, é-me grato prestar-lhe aqui homenagem.”

O livro a que aqui é feita referência intitula-se *O Português visto por (Alguns) Portugueses* D. Quixote, 2023